

AS REPRESENTAÇÕES DE ISRAEL NO CURRÍCULO ESCOLAR BRASILEIRO: PANORAMA E DESAFIOS

Emerson Cardoso Faustino Ribeiro

Graduado em Teologia, em História e Letras: Português e Inglês. É Professor de Inglês do Colégio São José dos Padres de Sion – SP e estudante do Curso de Cultura Judaico-Cristã, História e Teologia do Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ) em São Paulo.

RESUMO

O presente artigo visa a identificar, no currículo escolar brasileiro, os momentos em que o Judaísmo é citado nas disciplinas de História e de Ensino Religioso, para promover novas perspectivas aos docentes destas disciplinas, possibilitando uma melhor formação dos estudantes. Consideram-se, também, os objetivos de cada uma dessas disciplinas, segundo a Base Nacional Comum Curricular e os recursos extraclasse, que podem ser usados pelos professores para trabalhar os elementos culturais do povo judeu. Buscando referências nas obras de especialistas das áreas, procura-se apresentar os desafios relacionados aos temas “Israel” e “Judaísmo” e os enfoques mais relevantes para as discussões que ocorrem atualmente. O objeto de estudo, portanto, é o currículo escolar, com a forma que apresenta os temas e, a partir disso, como o docente pode preparar suas atividades e inovar, quando possível, trazendo novas dimensões ao discente, que deve atingir o objetivo final de conhecer o judaísmo e ser capaz de estabelecer diálogos entre realidade e estudo, visando ao convívio harmonioso.

Palavras-chave: Israel. Judaísmo. BNCC. História. Ensino Religioso.

ABSTRACT

This present article intends to identify, within the Brazilian school curriculum, the moments when Judaism is quoted in the subjects of History and Religious Studies to promote new perspectives to the teachers of these disciplines, enabling them to give a better formation to the students. It also considers the objectives of each course according to the National Common Curricular Basis and resources from out of the classroom that can be used by teachers to better explore the cultural elements of the Jewish people. Searching for references in works of specialists on the fields, it seeks to show the challenges related to the themes “Israel” and “Judaism” and the most relevant focuses to the most recent discussions. The object of this study, therefore, is the school curriculum, with its way to present the themes, and, from this way, how the teacher may prepare the activities and innovate, when possible, bringing new dimensions to the student, who must achieve the final objective of knowing this religion and being able to establish dialogues between his/her reality and studies, aiming the harmonious conviviality.

Keywords: Israel. Judaism. BNCC. History. Religious Studies.

Introdução

O sistema educacional brasileiro, formado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os programas dos estados e das instituições, segue diretrizes em comum nacionalmente, de modo a evitar desníveis e criar disparidades entre as diferentes regiões do país. Dentro da BNCC, pode-se compreender de forma clara os objetivos e temas programáticos para cada disciplina dentro do currículo escolar, assim como ter a dimensão ano a ano do que será apresentado nas diversas disciplinas.

A formação do aluno não pode ser de forma específica na educação básica, ao contrário, deve ser de forma geral para apresentar ao estudante um panorama completo da sociedade, do mundo em que vivemos e possibilitar uma gama de opções para a sequência formativa na educação superior, ou mesmo como caminhos vocacionais. Espera-se que, além das matérias com que convivemos mais intimamente, como a Matemática, presente em todas as transações do nosso cotidiano, ou a Língua Portuguesa, nosso idioma, os estudantes tenham boas noções de Ciências, Geografia e História, de tal modo que, ao participarem dos debates e provocações que a sociedade propõe, sejam capazes de se manifestarem, sem serem manipulados.

Dentro dessa formação ampla, Israel é tema em duas disciplinas de forma mais evidente: em História, no estudo dos povos mesopotâmicos e no estabelecimento do Estado de Israel em 1948, e no Ensino Religioso, que apesar de ser uma disciplina opcional, faz parte dos conteúdos coordenados pela BNCC e que tem objetivos importantes na formação do aluno, essenciais para uma visão abrangente de mundo.

Apesar de estarem presentes indissociáveis, o Judaísmo e Israel, são muitas vezes abordados sem grande enfoque, seja pelo tempo para exposição do tema, ou pela falta de conhecimento dos docentes na educação básica que, muitas vezes, ficam refém de temas mais amplos dentro da disciplina. Em dias polarizados, a ausência de discussão, especialmente em ambiente acadêmico, faz com que não haja capacidade de obter conhecimento suficiente para se formular a própria opinião, impactando diretamente nas relações de diálogo, que se estabelecem entre grupos, etnias, religiões.

Outro elemento que deve ser considerado é o fato de a sociedade ocidental ter se estabelecido dentro da visão judaico-cristã de mundo, que evidencia a continuidade entre a

leitura judaica de História, por exemplo, para a (re) leitura cristã que vigora ainda hoje. Separar essas visões seria renegar as origens de um pensamento; afinal, segundo Eliade (1992, p.106) *Pode-se dizer, com um fundo de verdade, que os hebreus foram os primeiros a descobrir o verdadeiro significado de história como epifania de Deus e essa concepção como seria de se esperar, acabou sendo assimilada e ampliada pelo cristianismo.*

Este artigo pretende tratar do panorama geral sobre a abordagem desses dois temas, o Judaísmo e Israel, nos conteúdos da Educação Básica, analisando os desafios dentro da sala de aula e oferecendo sugestões, para que esses temas possam ser explorados de maneira mais ampla e completa. Seguindo como principais referências às obras de Eliade (1969), Dalla Costa (2012), Moreira & Vasconcelos (2012) e Rodrigues & Junqueira (2012), entre outras, para permear as reflexões propostas.

1. Israel e o Judaísmo na disciplina de História

Conhecer o passado deve levar-nos a entender o presente e, assim, estar mais preparados para os desafios futuros que enfrentaremos. A disciplina de História não deve ser vista como somente como um estudo sobre o passado. Bezerra (2006, p.46) pontua que

A História, concebida como processo, busca aprimorar o exercício da problematização da vida social, como ponto de partida para a investigação produtiva e criativa, buscando identificar as relações sociais de grupos locais, regionais, nacionais e de outros povos; perceber as diferenças e semelhanças, os conflitos/contradições e as solidariedades, igualdades e desigualdades existentes nas sociedades; comparar problemáticas atuais e de outros momentos, posicionar-se de forma crítica no seu presente e buscar as relações possíveis com o passado.

Isso mostra a importância do ensino de História, desde o início do processo formativo dos estudantes, visando a essa análise crítica da sociedade, mesmo que esse objetivo esteja distante no panorama educacional. Relacionar grupos diferentes também incentivam esse processo de conhecimento e reconhecimento, quebrando preconceitos e moldando pessoas que conseguem valorizar o outro sem qualquer insegurança ou demérito de si próprio.

A Base Nacional Comum Curricular estabelece que o objetivo primordial do ensino de História no Ensino Fundamental é o “reconhecimento do ‘Eu’, do ‘Outro’ e do ‘Nós’”, sempre passando de níveis mais próximos ao estudante e relacionando com sua família e seus colegas.

Para níveis mais distantes, deve-se relacionar com povos e culturas diversas, a partir do 5º ano, quando o aluno já tem certa noção do mundo e consegue ter contato com essa diversidade.

No Ensino Fundamental – Anos Finais –, esse objetivo muda, por conta da organização dos temas abordados, pois que se trabalha a cronologia histórica tradicional dentro dos anos de estudo do adolescente. A ênfase se aprimora de modo que as dimensões espacial e temporal, abordadas, nos anos iniciais, se vinculam à mobilidade das populações (Brasil, 2018). No Ensino Médio, a proposta evolui mais uma vez, para que os alunos consigam estabelecer *diálogos entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas* (BRASIL, 2018). Esses focos que acompanham o crescimento do estudante visam a ampliar-lhes esse horizonte, favorecendo pessoas mais conscientes das diferenças e dos contextos de cada grupo. Moreira & Vasconcelos escrevem que:

Usando a distinção estabelecida por Paulo Freire, os alunos ou se adaptam ao mundo, ou nele se inserem. A inserção no mundo implica já ter se compreendido como parte da História e, apesar de identificar todas as determinações que constituem o presente, permite-se perceber o futuro como possibilidade e não como determinação. Nesse sentido, a História cumpre papel preponderante. Ela pode estar a serviço tanto de uma visão emancipatória quanto de uma visão determinista. E os maiores responsáveis pelo estabelecimento de uma e de outra relação dos jovens com a História são os professores. (MOREIRA; VASCONCELOS, 2012, p. 110)

Trabalhar com temas que são caros à sociedade, atualmente, é, portanto, essencial no ensino de História para possibilitar que essas relações sejam plenas e verdadeiras. Um dos temas é a religião e, dentre elas, o Judaísmo e Israel têm de ser evidenciados; primeiramente, por serem base do pensamento cristão e berço de muitos dos costumes, que se conservam até hoje, e também porque, desde a tragédia da *Shoah*, na Segunda Guerra Mundial, não tínhamos visto período de tanta radicalização nos grupos e uma indisposição ao diálogo, em relação a Israel. O surgimento de grupos neonazistas com pensamento antissemita e anti-judaico, só pode ser combatido com uma abordagem completa e clara. Conforme Jesus (2003, p.1) *há uma total omissão por parte da mídia e do meio acadêmico pela historicização dos grupos neonazistas*. E esse processo precisa ser quebrado com uma maior exposição do tema e das evidências contrárias a esses grupos.

1.2. Presença de Israel e do Judaísmo nas aulas de História

O primeiro momento em que Israel e o Judaísmo aparecem, no planejamento da BNCC, é no 5º ano do Ensino Fundamental, em que é abordado *o papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos*. O objetivo é analisar a composição desses povos e como a religião, expressão cultural, faz parte, inclusive, da identidade de cada povo. É impossível estudar os povos antigos sem abordar três aspectos: a) Social, como cada sociedade se compõe, se há uma hierarquia, as divisões entre camponeses, comerciantes, escribas; b) Poder, se é hereditário, absoluto, se há impostos; c) Religioso, qual o sacerdote, os costumes cultuais de cada povo. O processo inicia com essa exposição na transição destes alunos do 5º para o 6º ano.

No primeiro momento, apresentam-se aos alunos os povos nômades e a sedentarização. A partir daí, mostram-se os diversos tipos de religião, de maneira simples, para conceituar o politeísmo, o monoteísmo, o henoteísmo e o animismo. Cada qual, relacionado com os povos, que são considerados antigos: egípcios, romanos, gregos e hebreus.

Considerando a idade e a maturidade dos alunos, o ideal a ser trabalhado, na formação do povo hebreu, é a apresentação do mito da criação, contextualizando o termo “mito” como o que *expressa, dá vigor e codifica o credo, salvaguarda e reforça as morais de um povo, é a voz eficiente do rito e contém regras práticas para a orientação humana* (RIBEIRO, 2018, p. 135). Cabe ao professor, sem caráter catequético, mas histórico, registrar a identificação do povo com esse mito e, a partir dele, a figura que surge, que é a principal para os povos da região: Abraão. Para Dalla Costa

... de acordo com Funari (2005), os hebreus, por exemplo, não foram simplesmente os inventores do monoteísmo ocidental. De início, eles acreditavam que havia muitos deuses e, após uma longa caminhada e diversas experiências religiosas, chegaram à conclusão de que seria melhor adotar um único deus. (DALLA COSTA, 2012, p.21)

Sair do elemento comum e da exposição rasa é muito relevante, pois se não vemos mais egípcios ou romanos com suas antigas religiões, a fé abraâmica continua atual e viva dentro do Judaísmo. Propor, então, exercícios de pesquisa sobre esse tema é um mecanismo,

que pode ajudar no ensino e motivar os alunos a buscarem essa informação, complementando os elementos da sala de aula.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, esse tema do povo hebreu retorna no 6º ano com os mitos de criação do ser humano, mas prossegue de modo mais claro, conectado com outros povos antigos, como os pré-colombianos e egípcios. Essa análise, ainda, é sobre o início desses povos, por isso, uma abordagem mais rasa é aceitável. Dalla Costa (2012, p. 21) complementa dizendo que *as possibilidades de análise em relação à Antiguidade dependem tanto da iniciativa dos professores quanto da curiosidade intelectual dos alunos*. Esse aspecto deve sempre ser levado em consideração para adaptar as atividades propostas, mas não pode ser elemento limitador dentro da sala de aula, pois pode gerar uma classe subestimada pelos docentes. Cabe, então, um estímulo à curiosidade dos alunos por meio de elementos culturais: mostrar os sistemas de escrita de cada povo e compará-los, filmes e séries que tratam desses povos ou até fotos das escavações, que mostram as primeiras cidades daqueles povos.

O momento seguinte de estudo sobre Israel e o Judaísmo se encontra no 9º ano, quando são explorados os temas das Grandes Guerras, o Nazismo, a *Shoah*, a criação do Estado de Israel referendado pela ONU. Este momento é diferente do anterior, pois os alunos estão no último ano dessa etapa. Estão com mais idade, maduros e prontos para iniciar os debates sobre esses temas mais profundos e atuais. Esta também é uma etapa que permite uma exposição mais intensa sobre Israel e os acontecimentos que envolvem os judeus deste período.

Um fator que diferencia e favorece o ensino deste período em relação ao antigo é a abundância de documentos, que podem ser usados em sala de aula ou pesquisas – jornais, revistas, fotos, diários, livros – diferente da Idade Antiga, muito difícil de ambientar os alunos. Essa quantidade de recursos também pode ser prejudicial, caso não sejam selecionados com cautela e preparo em relação aos objetivos, que serão cobrados do aluno em teste ou em trabalho.

Sobre a Guerra e a *Shoah*, é imprescindível mostrar as imagens dos campos de concentração e dos horrores que os judeus passaram. Vários relatos de sobreviventes podem ser usados para gerar nos alunos a consciência de que esse fato relatado, não é como os

aprendidos antes, que parecem tão distantes e inimagináveis atualmente. Este horror deve ser lembrado para que não possa ser repetido.

Um filme que pode ser usado como recurso para ilustrar e exemplificar o horror da *Shoah* é “O Menino de Pijama Listrado” (2008). A história segue o menino Bruno, que vai morar com sua família perto de um campo de concentração e, em uma de suas saídas, Bruno encontra Shmuel, um dos meninos presos. Nisso surge uma amizade proibida, e Bruno entra no campo e passa-se por um prisioneiro também. É importante salientar que se trata de uma obra ficcional e que não tem o objetivo de retratar de forma fidedigna a realidade dos judeus presos em campos de concentração, mas acaba mostrando muitos fatos que aconteceram em meio à história: os campos em si, as câmaras de gás, os trabalhos forçados. Cabe ao professor relatar aos alunos os pontos, que não ocorrem como estão no filme e, ainda, pode ser um gerador de debate entre os alunos para identificar os pontos reais e os criados para o filme.

Outro filme que retrata essa realidade com uma visão atualizada é a animação “À Procura de Anne Frank” (2021) do cineasta israelense Ari Folman. A história acompanha Kitty, uma menina imaginada e desenhada por Anne Frank, no seu diário, que surge no mundo real e começa a buscar por ela e sua família. Nesse processo, ela refaz os passos da família Frank até descobrir o final da história dela. A releitura proposta pelo cineasta é relacionar os judeus perseguidos com os refugiados que, na história, estão prestes a serem expulsos de Amsterdã, terra de Anne. Esse filme pode inclusive ser trabalhado de forma transversal com outras disciplinas para analisar esse contexto dos refugiados e traçar esse paralelo com os judeus.

Sobre o Estado de Israel é interessante trabalhar com a identidade de um povo, buscando dos alunos o que define um país. Usando da bandeira, da língua hebraica e de itens religiosos, uma *menorah*, por exemplo, apresentar Israel como uma identidade nacional e trazer elementos culturais, como uma música popular israelense para essa imersão, apresentando o país.

Evidente que, apresentar o país não é o tópico principal dessas aulas, e isso também pode fomentar um debate entre os alunos diante da criação do Estado de Israel e as mudanças que aconteceram na geografia do Oriente Médio a partir disso. Mas incorporar essa apresentação tem um papel importante de fornecer ao aluno informações para que ele crie sua opinião e sua visão. Outro resgate interessante é o de Osvaldo Aranha (1894-1960),

brasileiro presidente da ONU, em 1947 e 1948, quando o Estado de Israel foi criado. Estes resgates fazem aumentar também a noção que há participações e personalidades brasileiras em eventos globais.

No Ensino Médio, com esses temas todos já explorados nos anos anteriores, o enfoque se transforma em utilizar esses aprendizados como pontes para diálogos a serem criados entre os alunos e entre as disciplinas. A BNCC ainda pede que:

... a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas favoreça o protagonismo juvenil investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens [...], valorizar os trabalhos de campo [...], recorrer a diferentes formas de registros e engajar-se em práticas cooperativas, para a formulação e resolução de problemas. (BRASIL, 2018)

Os itinerários formativos, criados em 2017, levam o estudante do Ensino Médio a explorar, de modo ainda mais intenso, os tópicos que foram vistos antes, e isso pode ser usado pelo professor para conduzir diversos temas. Uma lembrança importante é o que Theodoro (2007, p.51) pontua: *A busca do saber, da compreensão do mundo que nos cerca, é um exercício do historiador, do geógrafo, do literato, do filósofo, do professor de línguas. [...] Todo o conhecimento se mistura, se transforma.*

Uma iniciativa importante, motivada pelo contexto atual, é apresentar o Judaísmo como uma religião enraizada em seu povo, que se encontra presente no mundo todo. Mostrando a religião judaica com seus ritos e símbolos, assim como as demais religiões, busque colocar todos em contato com os valores apresentados e, assim, mitigar qualquer tipo de preconceito. Jesus apresenta que:

Discutir o nazismo e o neonazismo hoje ainda é um problema a ser trabalhado. Muitos acadêmicos e estudiosos preferem não tocar no assunto para não reabrir certas feridas. No entanto, o problema está à nossa frente, a internet, além de possibilitar o anonimato e a proximidade ainda maior entre grupos e partidos, também facilita a divulgação de um revisionismo de caráter militante que procura enaltecer os velhos dogmas nazistas e minimizar seus maiores crimes. (JESUS, 2003, p.72)

Recentemente, em discussão sobre a liberdade de expressão realizada na internet, surgiu a opinião de existir um partido nazista no Brasil. Esse tipo de questionamento deve ser levado até a sala de aula como uma oportunidade para esclarecer o que realmente significa o nazismo e porque defender algo desse tipo, não é defender a liberdade de expressão, pois afetaria diretamente o direito de povos como os judeus de simplesmente existir. Sobre a liberdade, Reis (2012, p. 179) resumindo Kant escreve que *O homem livre é o homem moral, isto é, aquele que faz o que deve segundo a Razão. E a Razão exige que não se “instrumentalize” o outro, que não se escravize o outro.*

Outro tipo de atividade que enriquece a aulas, apesar de trazer mais questões a serem resolvidas de forma antecipada, é a visitação de um museu. Pinto citado por Nicolazzi Júnior relata que:

... as visitas de estudo são extremamente válidas por propiciarem o contato direto e vivencial com os bens culturais, além de constituírem ‘uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de pesquisa, promove a interligação entre teoria e prática, e facilita a sociabilidade. (PINTO, 2009, p. 282-283, apud NICOLAZZI JÚNIOR, 2018, p.197)

Isso significa que, quando são possíveis, essas visitas a museus ou patrimônios culturais em geral agregam elementos que a aula em sala não seria capaz. Sobre Israel há, em São Paulo, o Museu Judaico, que traz uma exposição permanente sobre a vida judaica e outra sobre os judeus no Brasil. Esses temas possibilitam ao aluno, principalmente no Ensino Médio, perceber e valorizar essa cultura, que está presente em nosso país, e mais, estar em contato direto com o que escutaram e viram por fotos nas aulas.

Portanto, mesmo sendo o ensino de História voltado à análise mais crítica e factual dos acontecimentos, é indispensável o uso das aulas para trabalhar temas, que gerem discussão e na sequência transformação no pensamento dos alunos, para que eles possam também modificar o pensamento social. Abordar assuntos como o Judaísmo ou Israel é necessário por serem parte do currículo escolar e, também, por serem relevantes para o cotidiano, focalizando sempre no que a disciplina tem de requisitos e de capacidade para debater.

2. Israel e o Judaísmo na disciplina de Ensino Religioso

O Ensino Religioso, resgatado no ano de 2010 pelas Resoluções CNE/CEB 04 e 07, faz parte do Ensino Fundamental, ao longo dos nove anos que abrangem essa formação. Ele tem matrícula facultativa, mas os fundamentos dessa disciplina estão em consonância com o restante do currículo, pois não têm relação com a confessionalidade, como muitos estão habituados a relacionar. O Ensino Religioso pertence à chamada “Ciência da Religião”, que trata do conhecimento religioso, investigando a manifestação dos fenômenos religiosos em diferentes culturas e sociedades, sempre sem privilégios de crença ou convicção (BRASIL, 2018).

Dentre as competências específicas do Ensino Religioso estão *Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor de vida e Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver*. (BRASIL, 2018). Estas competências já demonstram que a forma de explorar os conteúdos programáticos deve ser sempre ligada ao diálogo e ao conhecimento mútuo – de si e do outro.

As três unidades temáticas que são abordadas na disciplina são: a) Identidades e Alteridades, que só aparecem nos anos iniciais, para permitir o reconhecimento e a valorização das semelhanças e diferenças entre as pessoas e mostrar a relação entre imanência e transcendência, o concreto e o simbólico; b) Manifestações Religiosas em que se pretende proporcionar o conhecimento e o respeito às diversas manifestações religiosas, seus ritos, locais sagrados e líderes; c) Crenças Religiosas e Filosofias de Vida, em que aparecem os mitos, doutrinas, filosofias e valores éticos de cada religião, possibilitando perceber similaridades mesmo nas diferenças. Esta última unidade aparece, principalmente, nos anos finais, de modo que contempla os alunos com mais idade e maduros para essa apresentação. Numa sociedade plural, falar de todas as religiões demonstra aceitar todas elas e na escola valorizar cada cultura, não apenas a majoritária. Rodrigues & Junqueira escrevem que:

O estudo e a decodificação do fenômeno religioso no contexto educativo são fatores de crescimento e de construção coletiva para professores e estudantes. Ao lado de outros campos de saber, o Ensino Religioso pode acrescentar à visão sobre a realidade mais um modo de discuti-la, principalmente ao adotar uma metodologia pautada na interdisciplinaridade. (RODRIGUES & JUNQUEIRA, 2012, p.26)

O modo de fazer o Ensino Religioso deve levar em consideração três aspectos fundamentais: O conhecimento de todas as religiões; O respeito à diversidade e O diálogo, mostrando, principalmente, os valores que são semelhantes e podem sempre caminhar lado a lado. Corrêa comenta que:

É importante entender a laicidade do Estado sem excluir o fenômeno religioso dos estudos escolares e sem deixar de trabalhá-lo como área do conhecimento. Deve-se, portanto, aceitar que esse conhecimento faz parte da formação básica dos cidadãos, embora deva ser trabalhado de maneira neutra e objetiva. (CORRÊA, 2021, p. 85)

Deste modo, não há risco de desviar-se em proselitismo, pois o foco é ser neutro e, para isso, é essencial trabalhar os elementos constituintes das religiões, independente da fé do docente ou dos alunos. O fenômeno religioso é o objeto de estudo, não a fé.

2.1 Presença de Israel e do Judaísmo nas aulas de Ensino Religioso

O Judaísmo, primeira religião monoteísta, tem grande importância para o ensino religioso por ser quem introduz esse conceito de monoteísmo no panorama religioso. Como as unidades temáticas são mais genéricas e a sequência pode ser adaptada pelos materiais didáticos escolhidos, para serem trabalhados nas instituições, seguiremos a análise do Judaísmo e de Israel no Ensino Religioso, segundo a ordem das unidades temáticas acima expostas.

A primeira unidade temática, Identidades e Alteridades, deve provocar esse primeiro contato com as diversas religiões. No Judaísmo alguns elementos devem ser apresentados: primeiramente o *quipá*, que os homens usam nas celebrações e os chapéus pretos que os ortodoxos usam junto a seu corte de cabelo. A apresentação da *menorah* como símbolo e de palavras no Hebraico também ajudam o aluno a perceber características dos judeus. A sinagoga segue como próxima a ser apresentada, sobre o local de culto do judeu e que pode ser vista, detalhadamente, em diversos sites na internet. O foco nesta unidade é não se perder em explicações extensas, mas usar os recursos tecnológicos para visualizar o que é explicado.

A segunda unidade temática é sobre as Manifestações Religiosas, em que as expressões religiosas são mais claramente apresentadas e estudadas. São retomados os símbolos e os locais agora juntamente com os ritos e as lideranças em cada religião. O Judaísmo aqui é mostrado nos itens anteriormente citados, a *menorah*, a sinagoga, o *quipá*,

mas também na figura do rabino e no *Shabbat*, celebração própria com exemplos e vídeos. Outro aspecto abordado são os alimentos sagrados e aqueles a serem evitados por cada religião, que são mostrados aqui como característica clara do judeu. As indumentárias também podem ser mostradas com seus nomes e usos. Na dificuldade de levar à sala de aula, sempre mostrar as imagens em tela ou pedir pesquisas, para que os alunos visualizem.

Um último aspecto ainda na, segunda unidade temática, é a Arte e a representação religiosa. É uma oportunidade de transversalidade, ao propor uma reflexão com o professor de Artes, buscando além dos elementos religiosos, os artísticos – estilo, material, cores – como parte do que está sendo estudado. No Judaísmo, a arquitetura das sinagogas pode ser exibida, além das canções judaicas entoadas nas celebrações. Não há imagens feitas do Sagrado, mas imagens que ilustram passagens ou decoram a sinagoga podem ser exibidas também. Algumas obras feitas por artistas cristãos podem ser referidas, mas sempre com a ressalva de que não foram feitas pelos próprios judeus; afinal, um dos aspectos é perceber a existência de cada religião e seus costumes.

A última unidade temática é sobre as Crenças religiosas e as Filosofias de Vida, que trata, mais especificamente, dos mitos e doutrinas. Aqui um primeiro momento é apresentação dos mitos de criação das diversas religiões e, neste ponto, uma curiosidade pode surgir, afinal, o mito do Judaísmo é o mesmo do Cristianismo. Esse fato deve ser explorado pelo professor, para que mostre essa semelhança e a use, para enfatizar o caráter único de cada religião, mesmo tendo essa fonte em comum.

Esta unidade também versa sobre os princípios éticos e os direitos humanos. Este tema é de suma importância para todas as religiões e para o Judaísmo, pois é impossível essa apresentação sem retomar a *Shoah*. Esse extremo desrespeito dos direitos humanos tem que ser retomado, para que provoque a repulsa imediata aos atos e gere uma consciência coletiva de que nunca mais algo semelhante pode acontecer. Apresentar grandes sábios judeus, como Hillel (séc. I a.C.), pode servir como grande fonte de aprendizado e de discussão. Exemplos de falas de Hillel estão no texto de Adelman (2018, n.p.): *Aquilo que não queres para ti, não faças com o teu companheiro. Essa é toda a Torá, e o resto é seu comentário. Agora vá e estude” ou ainda “Não julgue seu amigo antes que você tenha estado em seu lugar.*

A supracitada visita cultural também se encaixa e seria ideal para o Ensino Religioso, buscando museus ou patrimônios, que apresentam elementos das religiões, e não necessariamente o lugar de culto. Em relação a Israel e ao Judaísmo, além do citado Museu Judaico, em São Paulo, há o Memorial do Holocausto, localizado na antiga Sinagoga do Bom Retiro como parte do Museu de Imigração Judaica, que conta com um acervo interativo composto de fotos e depoimentos para recriar esse episódio.

Considerações finais

A educação no Brasil, de forma geral, é bem normatizada, contando com diretrizes e bases para fomentar uma educação uniforme nacionalmente. No entanto, a realidade é diferente com as salas de aula, contando muito com a preparação e a formação do docente, inclusive, para o uso dos recursos que a escola dispõe.

Israel e o Judaísmo são temas importantíssimos no contexto global e, portanto, devem estar presentes no currículo escolar como assuntos, que impactam diretamente em questões atuais como o antissemitismo, o totalitarismo, o fanatismo religioso. Abordá-los é cumprir uma missão de educador: promover o conhecimento sobre uma cultura e um povo que sofreu demasiadamente e, ainda hoje, corre riscos com novos pensamentos reacionários.

A abordagem do docente de História, disciplina que aborda os fatos históricos que acompanham o povo judeu, deve ser sempre guiada pelos acontecimentos. Primeiramente, para situar o povo na terra e traçar um paralelo com os demais povos abraâmicos, depois, para contextualizar o nazismo e o horror da *Shoah*, criando essa consciência coletiva, para que possa ocorrer uma certeza de não mais repetir algo desse estilo com nenhum povo.

A abordagem do docente de Ensino Religioso é diferente, por tratar diretamente do fenômeno religioso. A ele cabe mostrar os aspectos da religião: símbolos, ritos, cânticos. Esses elementos nunca devem ser comparados ou medidos em relação à fé do professor ou dos alunos, mas mostrados de forma paralela como verdadeiros para aqueles que creem neles.

Estar no Brasil, um país predominantemente cristão, não deve nos tornar distantes de Israel ou do povo judeu. O povo judeu tem grande presença no país e deve ser valorizado como uma identidade e uma cultura rica. Seu foco na educação e seus valores éticos devem ser inspiração e modelo para todos, independentemente da religião, e o melhor ensino desses

aspectos nas escolas só aprimora a sociabilidade dos jovens, que perceberão a diversidade como tesouro a ser preservado e reconhecido.

Referências

ADELMAN, Mendel. Hillel the Elder. **Chabad.org**, Atlanta, 2018. Disponível em: https://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/4042931/jewish/Hillel-the-Elder.htm.

Acesso em: 22 mai. 2022.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: Conteúdos e Conceitos Básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 37-48.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CORRÊA, Elói. **Ensino Religioso Escolar**. Curitiba: Intersaberes, 2021.

DALLA COSTA, Armando João. **O Ensino de História e suas linguagens**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

ELIADE, Mircea. **Mito do Eterno Retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. Neonazismo: Nova Roupagem Para Um Velho Problema. In: **Akrópolis**. Umuarama, v.11, n.2, abr./jun. 2003. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/235577322.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2022.

MOREIRA, Claudia Regina Baukat Silveira Moreira; VASCONCELOS, José Antônio. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de História**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

NICOLAZZI JÚNIOR, Norton Frehse. **Prática Profissional no Ensino de História: Linguagens e Fontes**. Curitiba: Intersaberes, 2018.

REIS, José Carlos. **Teoria & História: Tempo Histórico, História do Pensamento Histórico Ocidental e Pensamento Brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

RIBEIRO, Prisciane Pinto Fabricio. Uma Análise do Tríplice Conceito de Mito. In: **Letras e Ideias**. João Pessoa, v.2, n.2, p. 133-145, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/letraseideias/article/view/45027/28065>. Acesso em: 22 mai. 2022.

RODRIGUES, Edile Maria Fracaro & JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **Fundamentando Pedagogicamente o Ensino Religioso**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

THEODORO, Janice. Educação para Um Mundo em Transformação. *In*: KARNAL, Leandro (org.). **História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 49-56.